

INTERNATIONALIZATION PRACTICES IN SMALL
UNIVERSITIES: CHALLENGES AND PERSPECTIVES



PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM UNIVERSIDADES DE PORTE PEQUENO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

MARTINS, Priscila; SCHIABEL, Daniela; BASTOS, Josiane de Cássia
Figueiredo; MATOS, Carla da Silva Noronha; ALVES, Sandra de Souza

Priscila Martins Mendonça, UNIFENAS,
Brasil

Daniela Schiabel, UNIFENAS, Brasil

Josiane de Cássia Figueiredo Bastos, UNIFENAS,
Brasil

Carla da Silva Matos Noronha, UNIFENAS, Brasil

Sandra de Souza Alves, UNIFENAS, Brasil

Revista Científica da UNIFENAS
Universidade Professor Edson Antônio Velano, Brasil
ISSN: 2596-3481
Publicação: Mensal
vol. 7, nº. 2, 2025
revista@unifenas.br

Recebido: 18/11/2025
Aceito: 25/03/2025
Publicado: 27/03/2025

ABSTRACT: This article discusses the challenges faced by small universities in implementing internationalization practices, based on an analysis of the experiences of the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG). Internationalization is recognized as an essential process for higher education, fostering academic cooperation, knowledge exchange, and innovation. However, small universities encounter significant barriers, including financial constraints, lack of infrastructure, low academic mobility, and challenges in formulating effective institutional policies. This article explores these difficulties, providing a critical perspective and suggesting viable strategies to mitigate the challenges faced by small institutions.

Keywords: Internationalization of Higher Education. Small Universities. Academic Cooperation. International Mobility. Institutional Policies.

RESUMO: Este artigo discute as dificuldades enfrentadas por universidades pequenas na implementação de práticas de internacionalização, com base na análise das experiências da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). A internacionalização é reconhecida como um processo essencial para a educação superior, promovendo cooperação acadêmica, intercâmbio de conhecimento e inovação. No entanto, universidades pequenas enfrentam barreiras significativas, incluindo limitações financeiras, pouca infraestrutura, baixa mobilidade acadêmica e desafios na formulação de políticas institucionais eficazes. Neste artigo, serão exploradas tais dificuldades, oferecendo uma visão crítica e sugerindo estratégias viáveis para mitigar os desafios enfrentados por instituições de pequeno porte.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior. Universidades Pequenas. Cooperação Acadêmica. Mobilidade Internacional. Políticas Institucionais.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior tem sido um tema amplamente debatido na academia, especialmente diante da globalização do conhecimento e das redes de colaboração interinstitucional. Enquanto universidades de grande porte possuem estrutura consolidada para fomentar essas práticas, universidades pequenas frequentemente

enfrentam obstáculos que limitam a efetivação de programas de internacionalização.

As dificuldades para internacionalização não são homogêneas e variam conforme as características institucionais, a localização geográfica, a política educacional vigente e os recursos disponíveis. No Brasil, em particular, universidades menores têm encontrado desafios relacionados à falta de financiamento adequado, escassez de apoio governamental. No entanto, por outro lado, a internacionalização da educação superior tem se tornado um elemento essencial para a competitividade e desenvolvimento das universidades no cenário global.

Como afirmam [1], esse processo não é neutro e envolve múltiplos interesses, que podem ser tanto acadêmicos quanto econômicos. [2] define a internacionalização como a integração de uma dimensão internacional, intercultural e global em todas as atividades da instituição. Entretanto, a implementação desse processo apresenta desafios significativos, especialmente para universidades pequenas, que frequentemente carecem dos recursos financeiros e estruturais necessários para uma internacionalização robusta [3].

No Brasil, a internacionalização do ensino superior ganhou impulso nas últimas décadas, particularmente com a criação de programas governamentais como o Ciências sem Fronteiras. No entanto, conforme apontam [4], a ênfase na mobilidade estudantil para o exterior gerou um desequilíbrio nas estratégias institucionais, favorecendo grandes universidades em detrimento das menores. Isso evidenciou a necessidade de refletir sobre as especificidades da internacionalização em instituições de menor de redes internacionais de colaboração.

Este artigo visa explorar tais dificuldades, além de propor soluções práticas para mitigar os desafios enfrentados por universidades pequenas, utilizando como estudo de caso a UNIFAL-MG [5] uma instituição pública localizada no sul do estado de Minas Gerais- Brasil.

Toma-se como entendimento conceitual que, a internacionalização da educação superior é um processo multidimensional que abrange a incorporação de elementos internacionais, interculturais e globais no ensino, pesquisa e gestão institucional. Segundo [6], trata-se de um fenômeno que perpassa diferentes níveis e setores universitários, exigindo não apenas a mobilidade de estudantes e docentes, mas também a criação de currículos internacionalizados, colaborações em pesquisa, entre outros.

A internacionalização também contribui para a troca de conhecimento, inovação e fortalecimento institucional. Universidades que desenvolvem ações internacionais bem estruturadas tendem a se posicionar de forma mais competitiva no cenário global, atraindo talentos e firmando parcerias

estratégicas.

2 TÓPICOS DO DESENVOLVIMENTO

PRINCIPAIS DESAFIOS NA INTERNACIONALIZAÇÃO DE UNIVERSIDADES PEQUENAS

Segundo [5], as universidades pequenas enfrentam desafios estruturais e financeiros que dificultam a implementação de uma política de internacionalização eficaz. A limitação de recursos financeiros impacta diretamente a capacidade de investir em programas de mobilidade, parcerias acadêmicas e estrutura organizacional voltada para o fortalecimento da cooperação internacional. Além disso, a falta de infraestrutura adequada, como departamentos específicos para tratar da internacionalização, impede um planejamento estratégico bem definido e dificulta a implementação de ações consistentes e contínuas.

Outro entrave significativo está na mobilidade acadêmica, tanto de docentes quanto de discentes. A ausência de financiamento adequado para intercâmbios e a barreira linguística tornam essa prática restrita a um número muito reduzido de estudantes e professores, impossibilitando que a internacionalização alcance um impacto mais amplo na comunidade acadêmica. A falta de domínio de uma língua estrangeira, em especial o inglês, compromete não apenas a mobilidade, mas também a produção e a disseminação do conhecimento em uma escala global.

Além disso, a internacionalização depende de políticas institucionais bem estabelecidas, mas em universidades pequenas, como a UNIFAL-MG [5] essa estrutura ainda é frágil. Muitas iniciativas ocorrem de forma desarticulada, sem um plano estratégico consolidado que guie as ações de forma contínua e planejada [5]. A falta de clareza sobre os objetivos da internacionalização dentro da instituição também gera resistência por parte de alguns docentes e gestores, que veem essas iniciativas como secundárias ou não prioritárias diante de outras demandas acadêmicas e administrativas [5]. Esse cenário impede que a internacionalização seja incorporada de maneira orgânica à cultura universitária e faz com que as ações fiquem restritas a iniciativas isoladas de alguns setores ou professores.

ESTRATÉGIAS PARA SUPERAR AS BARREIRAS

Para mitigar os desafios da internacionalização em universidades pequenas, algumas estratégias podem ser adotadas, levando em conta a realidade orçamentária e estrutural dessas instituições. A busca por parcerias e consórcios acadêmicos tem se mostrado uma solução viável para superar a limitação de recursos. Por meio da colaboração com outras instituições, é possível compartilhar programas de intercâmbio, facilitar a participação de docentes e alunos em atividades internacionais e fortalecer a visibilidade da universidade no cenário global. Além disso, essas parcerias podem ampliar o acesso a editais de fomento à internacionalização, possibilitando maior captação de recursos para essas iniciativas.

Outra abordagem importante é a utilização de tecnologias digitais para expandir as oportunidades de internacionalização sem que haja a necessidade de deslocamento físico. Ferramentas como o *Collaborative Online International Learning* (COIL) permitem que estudantes e professores interajam com parceiros internacionais em um ambiente virtual, promovendo a troca de conhecimentos e experiências sem os custos elevados da mobilidade tradicional. Essa estratégia se torna ainda mais relevante em universidades pequenas, onde os recursos para enviar alunos ao exterior são escassos.

A capacitação docente e administrativa também é um ponto essencial para consolidar a internacionalização como uma prática institucional. Investir na formação de professores para atuar em contextos internacionais, seja por meio do ensino bilíngue ou da participação em redes acadêmicas globais, pode ampliar significativamente a inserção da universidade no cenário internacional. Além disso, a qualificação dos gestores para lidar com os trâmites burocráticos da internacionalização contribui para a eficiência e sustentabilidade das ações institucionais.

Por fim, a criação de programas de internacionalização em casa pode ser uma alternativa viável para fortalecer o caráter global da universidade sem depender exclusivamente da mobilidade acadêmica. A promoção de eventos, seminários e disciplinas com enfoque internacional dentro da instituição pode ampliar a exposição dos alunos a diferentes perspectivas culturais e acadêmicas. Além disso, a inclusão de conteúdos internacionais nos currículos pode preparar melhor os estudantes para atuarem em um mercado de trabalho globalizado e cada vez mais interconectado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internacionalização da educação superior é um processo desafiador para universidades pequenas, mas com estratégias adequadas, como parcerias, digitalização, capacitação e reformulação curricular, é possível superar essas barreiras.

O caso da UNIFAL-MG ilustra tanto os desafios quanto as possibilidades de construção de um ambiente acadêmico mais internacionalizado. É fundamental que as instituições menores desenvolvam políticas institucionais bem estruturadas e busquem novas formas de inserção no cenário global.

REFERÊNCIAS

[1] Morosini M, Dalla Corte MG. Internacionalização da educação superior. In: Morosini M, organizador. Enciclopédia brasileira

de educação superior. Porto Alegre: EdiPUCRS; 2021.

[2] Knight J. Five myths about internationalization. *Int High Educ* [Internet]. 2011;(62). Available from: <https://doi.org/10.6017/ihe.2011.62.8532>

[3] Lima MC, Maranhão CMSA. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? *Ensaio Aval Polít Públicas Educ* [Internet]. 2011;19(72). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362011000400007>

[4] Lima MC, Contel FB. Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento. São Paulo: Alameda; 2011.

[5] Martins P. Internacionalização na/da UNIFAL-MG: da concepção à prática [dissertação]. Alfenas (MG): Universidade Federal de Alfenas; Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

[6] Knight J. 5 verdades a respeito da internacionalização. *Rev Ensino Super* [Internet]. 2012. Disponível em: <https://www.revistaensinosuper.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao>